

# O HOMEM DOS SONHOS

A Fernando Pessoa



**N**unca soube o seu nome. Julgo que era russo, mas não tenho a certeza. Conheci-o em Paris, num Chartier gorduroso do Boul'Mich, nos meus tempos de estudante falido de medicina.

Todas as tardes jantávamos á mesma mesa, de fôrma que um dia entabolámos conversa.

Era um espirito original e interessantissimo; tinha opiniões bizarras, ideias estranhas—como estranhas eram as suas palavras, extravagantes os seu gestos. Aquêlo homem parecia-me um mysterio. Não me enganava, soube-o mais tarde: *era um homem feliz*. Não estou divagando: era um homem inteiramente feliz—tão feliz que nada lhe poderia aniquilar a sua felicidade. Eu costumo dizer, até, aos meus amigos que o facto mais singular da minha vida é ter conhecido um homem feliz.

O mysterio, penetrei-o uma noite de chuva—uma noite muito densa,—frigidissima. Eu começara amaldiçoando a vida, e, num tom que lhe não era habitual, o meu homem apoiou:

—“Tem razão, muita razão! É uma coisa horrivel esta vida—tão horrivel que se não pode tornar bela! Olhe um homem que tenha tudo: saúde, dinheiro, gloria e amôr: É-lhe impossivel desejar mais, porque possui tudo quanto de formoso existe. Atingiu a máxima ventura e é um desgraçado. Pois ha lá desgraça maior que a impossibilidade de desejar!...

“E creia que não é preciso muito para chegarmos a tamanha miseria. A vida, no fundo, contém tão poucas coisas, é tão pouco variada... Olhe, em todos os campos. Diga-me: ainda se não enjoou das comidas que lhe servem desde que nasceu? Enjoou-se, é fatal; mas nunca as recusou porque é um homem, e não pode nem sabe dominar a vida. Chame os mais bellos cosinheiros. Todos lhe darão legumes e carnes—meia duzia de especies vegetais, meia duzia de especies animais. Mesmo, na terra, o que não fôr animal ou vegetal é sem duvida mineral... Eis o que demonstra bem a penuria inconcebivel da Natureza!

“E quanto aos sentimentos? Descubra-me algum que, no fim de contas, se não reduza a qualquér d'estes dois: amor ou odio. E as sensações? Duas tambem: alegria e dôr. Decididamente, na vida, anda tudo aos pares, como os sexos. A proposito: *conhece alguma coisa mais desoladora do que isto de só haver dois sexos?*

“Mas voltando ao campo material. Arranje-me um divertimento que não seja a religião, a arte, o teatro ou o esporte. Não me arranja, asseguro-lhe.

"Com certeza o que existe de melhor na vida é o movimento, porque, caminhando com uma velocidade igual á do tempo, no-lo faz esquecer. Um comboio em marcha é uma maquina de devorar instantes—porisso a coisa mais bela que os homens inventaram.

"Viajar é viver o movimento. Mas, ao cabo de pouco viajarmos, a mesma sensação da monotonidade terrestre nos assalta, bocejantemente nos assalta. Por toda a banda o mesmo scenario, os mesmos acessorios—montanhas ou planicies, mares ou pradarias e florestas—, as mesmas côres—azul, verde e sépia—; e, nas regiões polares, a brancura cegante, ilimitada, expressão-ultima da monotonidade. Eu tive um amigo que se suicidou por lhe ser impossivel conhecer outras côres, outras paisagens, além das que existem. E eu, no seu caso, teria feito o mesmo."

Sorri, ironicamente observando:

—Não o fez contudo...

—Ah! mas por quem me toma?... Eu conheço outras côres, conheço outros panoramas. *Eu conheço o que quero! Eu tenho o que quero!*

Fulguravam-lhe os estranhos olhos asuis; chegou-se mais para mim e gritou:

—Eu não sou como os outros. Eu sou feliz, entenda bem, *sou feliz!*

Era tão singular a sua atitude, tão especial o tom da sua voz, que julguei estar ouvindo um louco, e senti um desejo infinito de pôr termo á conversa. Mas não havia pretexto. Tive que ficar, e, a partir deste momento, o homem bizarro, sem se deter um instante, fez-me a seguinte admiravel confissão:

—É bem certo. Eu sou feliz. Nunca disséra a ninguem o meu segredo. Mas hoje, não sei porquê, vou-lho contar a si. Ah! supunha nesse caso que eu vivia a vida?... Triste ideia fez de mim! Julguei que me tivesse em melhor conta. Se a vivesse, ha muito já que teria morrido dela. O meu orgulho é indomavel, e o maior vexame que existe é viver a vida. Não me canso de lho gritar: a vida humana é uma coisa impossivel—sem variedade, sem originalidade. Eu comparo-a á lista dum restaurante onde os pratos sejam sempre os mesmos, com o mesmo aspecto, o mesmo sabor.

"Pois bem! Eu consegui variar a existencia—mas varia-la quotidianamente. Eu não tenho só tudo quanto existe—pereebe?—; eu tenho tambem tudo quanto não existe. (Aliás, apenas o que não existe é belo). Eu vivo horas que nunca ninguem viveu, horas feitas por mim, sentimentos criados por mim, voluptuosidades só minhas—e viajo em paises longinquos, em nações misteriosas que existem para mim, *não porque as descobrisse*, mas porque as edifiquei. Porque eu edifiqui tudo. Um dia hei de mesmo erguer o ideal—não obtê-lo, muito mais: construi-lo. E já o entrevejo fantastico... e todo esguio... todo esguio... a extinguir-se em altura azul... esculpido em vitória... resplandecendo ouro... ouro não, mas um metal mais aureo do que o ouro..."

"De resto, é evidente, faltam-me as palavras para lhe exprimir

as coisas maravilhosas que não existem... Ah! o ideal... o ideal... Vou sonhar-lo esta noite... Porque é sonhando que eu vivo tudo. Compreende? *Eu dominei os sonhos*. Sonho o que quero. Vivo o que quero.

"As viagens maravilhosas que tenho feito! Vou-lhe contar algumas... A mais bela é esta, porque foi a mais temível:

"Eu estava farto de luz. Todos os países que percorrera, todos os cenários que contemplára, inundava-os a luz do dia, e, á noite, a das estrelas. Ah! que impressão enervante me causava essa luz eterna, essa luz enfadonha, sempre a mesma, *sempre tirando o misterio ás coisas*... Assim parti para uma terra ignorada, perdida em um mundo extra-real onde as cidades e as florestas existem, perpetuamente mergulhadas na mais densa treva... Não lia palavras que traduzam a beleza que experimentei nessa região singular. *Porque eu via as trevas*. A sua intelligencia não concebe isto, decerto, nem a de ninguém...

"Era uma capital imensa... Os boulevards rasgavam-se extensíssimos, *sempre ascendendo*, ladeados por grandes arvores; a multidão pejava-os girando silenciosa, e os veículos—os trens, os grandes omnibus, os automoveis—rodavam isocronamente num clangôr soturno. *E todo aquêlê silencio se reunía em musica*. Ah! que estranho calafrio de medo me varou delicioso e novo o corpo dispersado! Em face dos meus olhos abria-se uma vida misteriosa, emfim, porque a luz a não ilumináva!... Espectaculo soberbo e pavoroso! Eu via a treva!... Eu via a treva!... No recanto duma rua perdida encontrei dois amantes a morderem-se nas bôccas. Ai, como deviam ser grandiosos aquêles beijos profundos na suprema negrura das trevas densíssimas!... Mais longe assisti a uma scena de sangue: cruzavam-se estiletos, havia gritos de dôr... Nunca vivi um momento mais temível do que esse...E, pelos arrebaldes, os vinhedos carregados de frutos, os trigaes maduros, as seáras e os pomares que o vento balanceava... toda a vida, em suma, toda a vida, na escuridão impenetravel!... Que triunfo! Que triunfo!...

"Gloria maior foi talvez a que atingi na minha viagem a um mundo perfeito onde os sexos não são dois só... Pude vêr labirintos de corpos entrelaçados a possuirem-se numa cadeia de espasmos continuos, sucessivos e actuais, que se prolongavam uns pelos outros em fuga distendida... Infinito! Infinito! Era, ruivamente era, o cantico aureoral da carne, a partitura sublime da voluptuosidade que fremiam todos esses sexos diferentes vibrando em turbilhões... A vida a deslizar em ondas... a vida a deslizar em ondas!...

"Narrar-lhe todas as minhas viagens seria impossivel. No entanto quero-lhe falar ainda doutro país.

"Que estranho país esse... Toda duma côr que lhe não posso descrever porque não existe—*duma côr que não era côr*. E eis no que residia justamente a sua beleza/ suprema. A atmosfera deste

mundo, não a constituía o ar nem nenhum outro gás—não era atmosfera, era musica. *Nesse país respirava-se musica.* Mas o que havia de mais bizarro era a humanidade que o povoava. Tinha alma e corpo como a gente da terra. Entretanto o que era visível, o que era definido e real—era a alma. Os corpos eram invisíveis, desconhecidos e misteriosos, como invisíveis, misteriosas e desconhecidas são as nossas almas. Talvez nem sequer existissem, da mesma forma que as nossas almas talvez não existam também...

“Ah! que sensações divinas vivi nesse país!... O meu espírito ampliou-se... Tive a noção de perceber o incompreensível... Hei-de talvez lá voltar um dia, a esse país sem igual, a esse país d’Alma...

“Em suma, meu amigo, eu viajo o que desejo. Para mim ha sempre novos panoramas. Se quero montanhas, escuso de ir á Suissa: parto para outras regiões onde as montanhas são mais altas, os glaciares mais resplandecentes. Ha para mim uma infinidade de scenarios montanhosos, todos diversos, como ha também mares que não são mares e extensões vastissimas que não são montes nem planicies, que são qualquér coisa mais bela, mais alta ou mais plana—enfim, *mais sensível!* O mundo para mim ultrapassou-se: é universo, mas um universo que aumenta sem cessar, que sem cessar se alarga. Quer dizer, não é mesmo universo: é mais alguma coisa.

“No circulo espiritual, também para mim não ha barreiras; e tenho sentido, além do amor e do odio, outros sentimentos que lhe não posso definir, é claro, porque só eu os vivo, não havendo assim a possibilidade de lhos fazer entender nem por palavras, nem por comparações. Sou o unico homem que esses sentimentos emocionam. Logo seria desnecessário ter uma voz que os traduzisse, visto que a ninguem a poderia comunicar. Aliás o mesmo acontece com as horas mais belas que tenho vivido. Só lhe posso dizer as que de longe se assemelham ás da vida e que por isso exactamente são as menos admiráveis.

“Agora passo-lhe a esboçar algumas voluptuosidades novas.

“Um corpo de mulher é sem duvida uma coisa maravilhosa; a posse dum côrpo esplendido, todo nu, é um prazer quasi extrahumano, quasi de sonho. Ah! o misterio fulvo dos seios esmagados, a escorrer em beijos, e as suas pontas loiras que nos roçam a carne em extases de marmore... as pernas nervosas, aceradas—vibrações longinquoas de orgia imperial... os labios que foram esculpidos para ferir de amor... os dentes que rangem e grifam nos espasmos de além... Sim, é belo; tudo isso é muito belo! Mas o lamentavel é que poucas formas ha de possuir toda essa beleza. Emmanranhem-se os corpos contorcidamente, haja beijos de ansia em toda a carne, o sangue corra até... Por fim sempre os dois sexos se acariciarão, se entrelaçarão, se devorarão—e tudo acabará em um es-

pasmo que ha de ser sempre o mesmo, visto que reside sempre nos mesmos órgãos!...

“Pois bem! Eu tenho possuido mulheres de mil outras maneiras, tenho delirado outros espasmos que residem noutros órgãos.

“Ah! como é delicioso possuir com a vista... A nossa carne não toca, nem de leve, a carne da amante nua. Os nossos olhos, só os nossos olhos, é que lhe sugam a bôca e lhe trincam os seios... Um rio escaldante se nos precipita pelas veias, os nossos nervos tremem todos como as cordas duma lira, os cabelos sentem, dilatam-se-nos os musculos... os olhos de longe, vendo, vão exaurindo toda a beleza, até que por fim a vista se nos amplia, o nosso còrpo inteiro vê, um estremeção nos sacode e um espasmo ilimitado, *um espasmo de sombra*, nos divide a carne em ancia ultrapassada... Atingimos o goso maximo! Possuimos um corpo de mulher só com a vista. Possuimos fisicamente, mas imaterialmente, como tambem se pode amar com as almas. Neste caso são mais doces, mais serenos, mas não menos deliciosos, os espasmos que nos abismam.

“Ha ainda uma outra voluptuosidade que, por interessante, lhe desejo esboçar: É a posse total dum còrpo de mulher que sabe unicamente a um seio que se esmaga.

“Emfim, meu amigo, compreenda-mê: Eu sou feliz porque tenho tudo quanto quero e porque nunca esgotarei aquilo que posso querer. Consegui tornar infinito o universo—que todos chamam “infinito”, mas que é para todos um campo estreito e bem murado.

Houve um grande silencio. Pelo meu cerebro ia um tufão silvando, e as imagens fantasticas que o desconhecido me evocára—rodopiantes, pareciam querer no entanto definir-se em traços mais reais. Mas logo que estavam prestes a fixar-se, desfaziã-se como bolas de sabão...

O homem disse ainda:

—A vida é um logar comum. Eu soube evitar esse logar comum. Eis tudo.

E mandou vir absinto.

Estive dois dias sem o ver. Quando o encontrei de novo á mesa do restaurante, notei uma expressão diferente no seu rosto. Confessou-me:

—Já conheço o ideal. No fim de contas é menos belo do que imaginava. E o meu amigo que tem feito?

Posémo-nos a falar de banalidades. Eu quis ainda levar a conversa para a sua vida sonhada, mas todos os meus esforços permaneceram inuteis.

Sáimos. Acompanhou-me até casa. Deu-me as boas noites. Depois, nunca mais o vi.

Largo tempo meditei no homem estranho; meses e meses a sua

recordação me obcecou perturbadoramente. Quis também fruir o segredo do dominador dos sonhos. Mas em balde. Não os consegui nunca imperar, e breve renunciei á quimera dourada.

Desde aí, a minha loucura foi toda ela de esparzir luz, ainda que só luz crepuscular, sobre o misterio admiravel.

E um dia finalmente, um dia de triumpho, eu pressenti a verdade.

Que vinha a ser aquêlle homem? Segredo! Segredo! Eu dêle ignorára sempre tudo. Muita vez me acompanhou a minha casa — e eu jamais conhecera ondê fosse a sua casa. Afigurára-se-me russo; porém não mo dissera nunca.

Alto, extremamente alto e magro. Grandes cabelos encrespados, dum loiro triste, *fugitivo*; e os seus olhos fantasticos de azul, com certeza os olhos mais estranhos que me iluminaram algum dia. Só os posso evocar nesta incoerencia: eram dum brilho fulgurante — *mas não brilhavam*.

A sua voz de calafrio, resoando abafada e sonora, parecia vir duma garganta falsa que não existisse no seu côrpo. Quando se erguia e caminhava, os seus passos ageis, silenciosos, longos, davam a impressão total de que os seus pés, em marcha aerea, não pousavam no solo: a sua marcha era indecisa — e eis aqui o mais bizarro — como indecisas e brumosas igualmente eram as suas feições. Os seus traços fisionomicos dir-se-hiam inconstantes, sendo quasi impossivel abrange-los em conjunto: um grande pintor teria uma real dificuldade em fixar na tela o rosto movel do homem dos sonhos. Quem longas horas o tivesse na sua frente, não o ficava entanto conhecendo: aquêlle rosto fugitivo não se aprendia em longas horas.

Emfim, da sua fisionomia, do seu andar, dos seus gestos, da sua voz, ressaltava esta impressão: o desconhecido era uma criatura de bruma, indefinida e vaga, irreal... *Uma criatura de sonho!* — passou-me esta ideia pelo espirito como um relampago de claridade. Sim, o meu homem era perfeitamente comparavel ás personagens que nos surgem nos sonhos e que nós, de manhã, por maiores esforços que empreguemos, não conseguimos reproduzir inteiramente materializadas, porque nos faltam pormenores do seu desenho: se os olhos nos lembram, esqueceu-nos a expressão da bôca; se sabemos a côr estranha dos cabelos, fugiu-nos o tom fantastico dos olhos. Em suma, é-nos impossivel reconstruir o conjunto da personagem indecisa que entrevimos sonhando. As suas feições escapam-nos — tal como escapavam as feições do homem bizarro.

Quería dizer: *o desconhecido maravilhoso era uma figura de sonho* — e entretanto uma figura real.

Mas foi precisamente quando, envaidecido, eu suscitára já esta longinqua claridade, que o segredo admiravel se me volveu em ideia fixa. Temi quasi endoidecer, e não sei o que teria sido do meu pobre cerebro que a asa do misterio roçara-se por fim não conseguisse mergulhar mais fundo o abismo azul:

Se o homem dos sonhos era uma figura de sonho, mas, ao

mesmo tempo, uma criatura real—havia de viver uma vida real. A nossa vida, a minha vida, a vida de todos nós? Impossível. A essa existencia odiosa ele confessára-me não poder resistir. *Demais, nessa existencia, a sua attitude era a duma figura de sonho.* Sim, duma figura irreal, indecisa, de feições irreais e indecisas. Logo, o desconhecido maravilhoso não vivia a nossa vida. *Mas se a não vivia e entretanto surgia vagamente nela, é por que a sonhava.*

E eis como eu pude entrevêr o infinito: O homem estranho sonhava a vida, vivia o sonho. Nós vivemos o que existe; as coisas belas, só temos força para as sonhar. Emquanto que ele não. Ele derrubára a realidade, condenando-a ao sonho. E vivia o irreal.

Poeira a ascender quimerisada...

Asas d'ouro! Asas d'ouro!...

Paris, Março de 1913.

(Do livro de sonhos "Além",  
a sair no outono).

*Alfaro de Sá - Carneiro*

## TERRA MARTIR

A Arthur Ribeiro Lopes

Colo em silencio á Terra o meu ouvido,  
Quando a noite se alarga em maré-cheia,  
E ao escalar o monte adormecido  
—Misteriosa e fluida— a treva ondeia.

Colo o ouvido á Terra... E anciosamente  
Oioço os intimos ecos do seu peito:  
—Gritos d'agua que anceia ser nascente,  
Grãos de trigo a lutar no sulco estreito...

Lateja em febre o coração da Terra:  
—Amor que o amor das nossas mãos apouca,  
abnegação divina a que ella encerra!

Sinto rasgar seus flancos dolorosos...  
E tudo p'ra que o Pão nos chegue á boca  
E a Agua ascenda aos labios sequiosos!

Lisboa — 912.

*Nuno Reoliveiz*